

A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA d'AJUDA DE PORTO SGURO
(1551-1761)¹

Lucas de Almeida Semeão

Mestrando em História e Cultura Social pela Universidade do Estado de São Paulo
(UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”/Franca

E-mail: lucasalmeidasemeao@hotmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva compilar referências à ermida e à fonte de Nossa Senhora d'Ajuda, localizada no tempo da colônia na vila de Santo Amaro, na capitania de Porto Seguro, espalhadas em narrativas dispersas entre a produção escrita dos três primeiros séculos de Brasil, estabelecendo possíveis ligações entre elas e reflexões a respeito do que foi escrito sobre a igreja e a Fonte da Senhora, abrindo caminho a novas pesquisas. Abarcando o momento de sua fundação no período da chegada dos Jesuítas ao novo mundo, até meados dos séculos das luzes, ou seja, todo o período em que a religiosidade católica no Brasil esteve maior arraigada no cotidiano daquela gente; esta investigação procura rememorar o que foi relatado sobre a primeira casa dos inacianos, tal como o primeiro *Local de milagres* do Brasil, isto é, o primeiro local concebido como sendo privilegiado a ocorrências miraculosas, da Luso-América.

Palavras-chave: Religiosidade Católica; Igreja no Brasil; Companhia de Jesus no Brasil.

Francisco Pérez está em Puerto Seguro y a estado com él hasta aora Vicente Rodriguez, y vino agora a comunicar com el Padre Nóbrega em esta costa algunas cosas, em la qual enfermo, y por tanto no podido más tornar. Há hecho hazer una hermita allí, a la qual la gente es muy devota y es muy visitada de romerías. Dízese por toda la costa que uma fuente que se abrió después de la fundación de la hermita da salud a los enfermos (1956, Vol. I, p. 260).

Esta é possivelmente a menção mais antiga de nosso tempo sobre a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, a primeira casa dos jesuítas do Brasil. Não obstante, é desconhecida a data precisa de sua fundação, apesar de muito provavelmente ter sido 1549, ano da chegada da primeira leva de jesuítas na costa, entre eles, Manuel da Nobrega

¹ Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e é vinculada ao grupo de pesquisa temático *Escritos sobre os novos mundos: teorias, métodos e constituição de banco de dados digitais*, financiado pela mesma instituição.

(1517-1570), padre que delegou a construção d’Ajuda². Redigido pela pena do jesuíta António Pires (?-1572) no dia dois de agosto do ano de 1551 e direcionada aos padres e irmãos de Coimbra, o fragmento supracitado denota um local cada vez mais conhecido pelos seus milagres, alimentando romarias em direção à ela que se tornariam tradicional ao longo do tempo pelas graças alcançadas por aqueles que tiveram contato com sua divina água, advinda de uma fonte milagrosa, irrompida tempos depois que a igreja foi levantada. A quantidade de vezes que esta igreja é mencionada na documentação redigida na colônia mostra a sua importância para aqueles coevos, justificando, conseqüentemente, a relevância do conhecimento de sua história. Além de casa dos inacianos, a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, mais especificamente a sua fonte, é o local mais antigo concebido como sendo privilegiado à ocorrências milagrosas, no novo mundo português. Conhecer sua história, é compreender melhor os primórdios da história religiosa do Brasil e parte do que era o mais importante no cotidiano daquela gente: o sagrado.

O objetivo deste trabalho é mapear as diversas referências à ermida e à fonte de Nossa Senhora da Ajuda de Porto Seguro, muito afamada no período que se estendeu de sua fundação em meados do século XVI, até meados do século das luzes, ou seja, recorte temporal em que a moralidade católica esteve mais presente no cotidianas dos colonos. Além disso, esta investigação objetiva também estabelecer relação entre as menções encontradas na documentação, tecendo reflexões a respeito do que foi escrito pelas penas dos escritores coloniais sobre a ermida e a fonte d’Ajuda, enxergando-a como um *Local de milagres*, conceito referente a lugares reconhecidos amplamente pela ocorrência de milagres, onde, aos olhos dos fiéis católicos, estes feitos irrompiam notadamente em maior quantidade que em outros lugares.

O nome de Nossa Senhora d’Ajuda foi dada à ermida em homenagem à Virgem, e seu fundador, burocraticamente falando, foi o Padre Manuel da Nóbrega, que escolheu o espaço e delegou Francisco Pires (?-1586), superior do local e Vicente Rodrigues (?-?), para administrarem aquele lugar. Os dois inacianos, não possuindo água boa para o consumo na casa, desejando que ali tivesse uma fonte que suprisse suas necessidades,

² Serafim Leite, em nota (nº 3), citando José Álvares do Amaral, diz que o autor “[...] dá como data inicial para a edificação da igreja, 26 de Dezembro de 1551. Não aduz documento. Nesta data só poderia ser reedificação”, comenta o inaciano português: LEITE, Serafim: **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1938, Vol. I, p. 205.

logo foram apresentados por Deus, que deu-lhes água fresca por meio de uma fonte surgida do meio da terra. Nascia, assim, a *Fonte da Senhora*. Quem relata é o próprio Vicente Rodrigues, descobridor da fonte, por comissão do governador do Brasil Tomé de Souza (1503-1579), em carta redigida na Bahia datada de maio de 1552, ao Padre Simão Rodrigues (1510-1579) em Lisboa:

Estando los padres - Francisco Pires e Vicente Rodrigues – em Puerto Seguro fundando uma casa, no aviendo agua que fuesse buena para beber deseavan ahí cerca una fuente. Quiso Dios que em esta conjunción cafo hun monte, y com el abrir de la tierra se abrió la más fresca y hermosa fuente que ai en aquella tierra. Y porque la casa, que fundavan, es de la invocación de nuestra Sennora, se llama la dicha fuente, entre los christianos y gentiles, “la Fuente de la Señora” (1956, Vol. I, p. 321).

A ermida em 1553 era também local de passagem de certos jesuítas, como o Padre José de Azpilcueta Navarro (1522/1523-1557), que constantemente se recolhia na igreja quando retornava das missões com os gentios. A esta altura, ela já era bem conhecida no Brasil e por padres de Portugal, pelas epístolas. Conta um Irmão – neste caso, aspirante a padre jesuíta, ainda não ordenado -, em carta datada do dia 10 de Março de 1553 de São Vicente aos Irmãos de Portugal que “Cerca dél está una iglesia de nuestra Señora donde el Padre se recoge quando viene de los lugares de los gentiles por estar de aquella parte, y es casa (según todos dicen, y pienso que ya os lo ternán escrito) de muchos milagros” (1956, Vol. I, p. 427).

Ambrósio Pires (?-?), que também se recolheu na capela em meio às missões, relatou aos Padres e Irmãos de Coimbra em carta de cinco de Maio de 1554 escrita em Porto Seguro, sua boa localidade em lugar seguro, bom espaço de cultivo e proximidade com a comunidade local, que principalmente aos sábados enchiam a igreja. Diz Ambrósio Pires, sem delongas, que no Brasil não havia casa melhor e a compara às ermidas de Nossa Senhora de Montserrat, localizadas na Catalunha:

Em esta tierra me puse em una casa de nuestra Señora em que estoi lo más del tempo, una las más aparejadas y más devota para estar que yo ví, que si os afirmare que es muy mejor aparejada para esto que uma de las hermitas de Monsarrate crédmelo. Está esta casa em um despoblado y del más cercano lugar de poblado quase media légua. Si estuviera em lugar tan seguro como tiene buen sitio, no uviera mejor casa em el Brasil. Es de mucha devoción a los sábados (1956, Vol. II, p. 53-54).

Novamente, o Padre Antônio Pires, aquele que primeiro escreveu sobre a ermida na epístola de 1551, descreveu, entre outras coisas, como comparar a devoção de Nossa Senhora d’Ajuda com a de Guadalupe do México, em uma outra carta datada de 15 de junho de 1555, uma versão diferente do momento do nascimento da fonte relatada até aqui. Nesta versão da história, um homem, estando em cima de uma árvore tentando cortá-la, foi arremessado por ela dali, nascendo logo em seguida uma fonte debaixo dela milagrosamente:

Aqui há uma casa da Companhia da invocação de Nossa Senhora da Ajuda de muito boa ajuda e de grande devoção. Ali se reúnem aos sábados os habitantes de duas ou três vilas, entre os quais demora a dita igreja [...].

Tem esta igreja um belo altar da saudação de Nossa Senhora, e uma bela fonte, muito amada de Nosso Padre Manuel da Nóbrega. Quando se edificava a casa, esta fonte se abriu (ao que parece) milagrosamente, porque estando um homem sobre uma árvore a cortá-la, levantou-se a terra com ela, e arrebatou o homem sem que o menor perigo lhe viesse, e assim brotou no lugar onde foi a árvore uma fonte, bebendo da qual vários enfermos saram, e todos sem mais se curaram. Se isto houvesse acontecido em outro lugar, tornava-se o objeto de grande devoção, qual outra Guadalupe (NAVARRO, 1988, p. 166-167).³

A segurança do lugar, atestada anteriormente pela pena de Ambrósio Pires, possivelmente foi embasada na experiência, por talvez até aquele ano, 1554, à Ajuda e seu povoado não terem sido atacados. Como a capela e todo o núcleo estavam localizados em um ermo, ou seja, em um descampado, o lugar era, neste ponto de vista, completamente inseguro em caso de ataques (LEITE, 1938, Vol. I, p. 206). E não deu outra. Conta o Irmão Antônio Blázquez (1542-1584) aos Padres e Irmãos de Coimbra da Bahia, na data de oito de Julho de 1555 que à meia noite de um dia não referenciado vieram dois homens avisar os padres que o povoado estava cercado de gentios. Ao saber disso, os padres se esconderam, juntamente com outras pessoas, no retábulo da ermida, servindo de refúgio perante o possível ataque do inimigo. Passados os desacordos e acalmada a relação entre os índios e os portugueses, na visão de Antônio Blázquez graças à Nossa Senhora, o autor conta que o apaziguamento ocorreu porque não quis a Virgem que sua imagem fosse retirada forçosamente da ermida, uma das raras menções aos componentes materiais interinos da igreja presente nos escritos coloniais:

Y vino la cosa a tanto que a la media noche vinieron dos hombres a avisarnos como la población estava cercda de gentiles y por tanto pusiésemos em cobro

³ As transcrições em português receberão atualização ortográfica.

las vidas y um retablo que ay estava em la hermita. Y determinándolo nosotros hazer ansí, y hechos nuestros azevillos de libros yrnos a Puerto Seguro, Nuestra Señra alcançó de su Hijo la paz y concordia de los Indios, y no quiso que se quitasse su ymagen de aquel lugar do avía hecho milagros (1956, Vol. II, p. 259-260).

Este episódio parece não ter desestimulado a continuação dos trabalhos na comunidade d'Ajuda e na ermida. Se quando a casa foi levantada ela objetivava ser, além de igreja, a morada dos jesuítas na região do Porto Seguro, mas como foi visto anteriormente, era apenas local de parada, é possível que a partir de 1556 Nóbrega tenha delegado um dos seus a morar na ermida da Ajuda, “[...] o qual tinha cuidado de ir com dia a uma Aldeia dos gentios, que está a uma légua de Nossa Senhora, e depois tornava a fazer o mesmo à povoação de Santo Amaro; e, feito este serviço ao Senhor, fazia a sua volta para a ermida” (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207). Mas depois de dezesseis anos da instalação deste padre não referenciado na Ajuda, o provincial Inácio Tolosa (1533-1611), em sua passagem pelas capitâneas entre 1572 e 1573, após se deparar com a Ajuda e com sua condição de isolamento e simplicidade, bem como da do padre que lá residia, preceituou “que se fizesse casa conveniente para agasalhar o missionário que lá fosse toda semana” (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207).

Propuseram-se também os índios a construírem uma caixa d'água na igreja, mas em 1574 já era tarde: em uma carta redigida por Quirício Caxa (1538-1599) em dois de dezembro deste ano, por um aparente processo de tentativa de organização por meio da centralização administrativa da igreja no Brasil neste período, a igreja d'Ajuda de Porto Seguro foi entregue aos cuidados do Bispo, proposição de Inácio Tolosa, aprovada pelo Geral Everardo Mercuriano (1514-1580) (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207). No entanto, isso não fez com que os jesuítas fossem menos à ermida, pregando eles missa todos os sábados, fazendo com que já em 1584, pela sua crescente fama, fossem agregados à ela melhores ornamentos e uma confraria (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207).

Tratados da terra e gente do Brasil, escrito entre 1583 e 1601 pelo jesuíta português Fernão Cardim (1540-1625), possui um excerto muito rico em informações sobre a Ajuda e outros elementos circundantes à ela. Primeiramente o autor, que passou pela ermida com outros companheiros, relembra a fundação da igreja e do nascimento da fonte da Fonte da Senhora, relato modificado comparado aos anteriormente supracitados. O relato de Cardim narra que Vicente Rodrigues, ao cavar junto à igreja, uma corrente

d'água saiu debaixo onde ficava o altar de Nossa Senhora da Ajuda, fazendo muitos milagres. Doravante, Cardim elogia o retábulo da igreja, aquele mesmo que serviu de abrigo a Antônio Blázquez em 1555 e seus companheiros no cerco feito pelos gentios na comunidade da Ajuda – Santo Amaro - e destaca também que Francisco Pires, na época com 70 anos de acordo com Cardim, ainda ia todos os sábados rezar missa na ermida, muito frequentada pelas romarias. Além disso, exhibe a vontade deste padre de ter a permissão de ser enterrado na igreja, desejo que foi atendido, ainda que em 12 de janeiro de 1586, ano de sua morte, o padre estivesse no Colégio da Bahia e portanto, foi enterrado por lá, anteriormente a Vicente Rodrigues, o outro fundador da ermida, falecido no Rio de Janeiro, no dia nove de junho de 1600⁴:

Fomos recebidos de um irmão com muita caridade, porque os outros três estavam na aldeia de São Matheus com o Sr. administrador (XXVI), que tinham ido à festa. Partimos logo para a mesma aldeia visitar aqueles índios: passamos um rio caudal mui formoso e grande; caminhamos uma légua a pé, em romaria a uma Nossa Senhora da Ajuda (XXVIII), que antigamente fundou um padre nosso; e a mesma igreja foi da companhia; e cavando junto dela o padre Vicente Rodrigues (XXVIII), irmão do padre Jorge Rijo (que é um santo velho, que dos primeiros que vieram com o padre Manuel da Nobrega, ele só é vivo), cavando como digo, junto da igreja, arrebentou uma fonte d'água que sai debaixo do altar da senhora, e faz muitos milagres, ainda agora (XXIX); tem um retábulo da anunciação de maravilhosa pintura e devotíssima; o padre que edificou a casa, que é um velho de 70 anos, vai lá todos os sábados a pé dizer missa, e pregar a quase toda a gente da vila, que ali costuma ir os sábados em romaria, e para sua consolação lhe deu o padre licença que se enterrasse naquela igreja quando falecesse; e bem creio que recolherá a Virgem um tal devoto e receberá sua alma no Céu, pois a tem tão bem servido. (1939, p. 262-263).

⁴ Serafim Leite em sua *magna opus História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938) admitiu que poderia ter errado ao ter atribuído o desejo de ser enterrado na ermida à Vicente Rodrigues em publicações anteriores, deixando a possibilidade em aberto, mas é certo que, pela estrutura narrativa da frase de Fernão Cardim, ela se refere à Francisco Pires: “Este padre, que tinha licença de se enterrar na igreja, dissemos nós em *Um autógrafo inédito de José de Anchieta*, in: *Brotéria*, XVII, 272, que era o P. Vicente Rodrigues. Hoje temos alguma dúvida: tanto poderia ser ele como o Padre Francisco Pires. Se existisse o catálogo de 1583, estava resolvida a dificuldade, vendo que Padres viviam em Porto Seguro nesse ano. Mas não existe. O de 1584 tem o P. Vicente Rodrigues na Baía e o P. Francisco Pires em Porto Seguro. Examinando os documentos referentes a Nossa Senhora da Ajuda, todos consideram o P. Vicente Rodrigues como descobridor da fonte; quanto à edificação da ermida, atribuem-na a ambos e mais ao P. Francisco Pires, por ser o Superior local. Na hipótese verosímil de estar em Porto Seguro em 1583, a ele se podem aplicar aquelas palavras de Cardim: “O Padre que edificou a casa, que é um velho de setenta anos, vai lá todos os sábados”; a ele se referiria, portanto, a licença de se enterrar naquela ermida. O certo é que nenhum dos fundadores faleceu em Porto Seguro. Francisco Pires morreu no Colégio da Baía, em 12 de Janeiro de 1586 (Franco, *magem de Coimbra*. 31, 216), ou, segundo “*ns. de De fundis*, em 1587, Sinc rnenne leque dic” (*Hist. Soe.* '12, 32v), Vicente Rodrigues faleceu no Rio de Janeiro, a 9 de Junho de 1600, *Bras.* 5, 50”: *Ibidem*, p. 208.

O padre José de Anchieta (1534-1597), que também passou pela igreja, relatou algumas informações sobre a famosa fonte que surgida na ermida d’Ajuda. Em um texto informativo sobre o Brasil e suas capitanias, datado de 1584, o jesuíta apresenta mais duas informações pertinentes à sua água milagrosa. A primeira, que havia pessoas que, não podendo ir até a Fonte da Senhora, delegavam a alguém para que fosse até ela trazer sua milagrosa água. A segunda, que o modo como a água era manejada no almejo da cura da doença poderia ser, de acordo com deduções a partir da leitura da narrativa, ou passada no corpo, no local adoecido, ou ingerida, sendo o primeiro caso aparentemente mais comumente praticado. Ademais, o autor repete uma estrutura narrativa de relato sobre a fonte muito parecida com a usada por outros autores referenciados até aqui:

Neste ano de 1550 até 53 se fizeram casas da Companhia em Porto Seguro e no Espírito Santo. Em Porto Seguro, uma légua da povoação dos Portugueses, se fez a casa de Nossa Senhora d’Ajuda, onde milagrosamente ela deu uma fonte d’água que parece procede de debaixo de seu altar, onde se fizeram e fazem continuamente muitos milagres e é casa de grandíssima romaria e devoção, porque quasi quantos enfermos lá vão e se lavam com aquela água saram, e os que não podem lá ir mandam por ela e bebendo-a faz o mesmo efeito (1933, p. 317).

Em textos de cunho histórico produzidos no Brasil, em maior monta a partir do século XVII, as narrativas tendiam a ser mais repetitivas, pois os autores muitas vezes usavam cartas, como as que foram citadas, bem como outros documentos produzidos pelas três primeiras levas de Jesuítas que desembarcaram no novo mundo, almejando a veracidade dos fatos do passado, estilo historiográfico daquele tempo. Após a morte de Anchieta em 1597, algumas *Vidas* dedicadas à ele foram lançadas em língua portuguesa durante o século XVII, um tipo destas narrativas históricas referidas, no intuito de edificar sua trajetória de vida e rememorar seus milagres. A primeira delas, intitulada *Vida do padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu*, escrita pela pena de Pero Rodrigues (1542-1628) no ano de 1607, relata informações sobre elas em dois momentos do livro, sugerindo a primeira que o autor teve contato com as cartas e outros escritos que trataram da ermida e da fonte produzidas no século XVI, excerto que pouparemos o leitor de acompanhar diretamente, pelas muitas vezes enfadonha repetitividade da produção escrita colonial (1609, p. 15). No segundo momento, mais original, o autor relata um caso de uma cura de cobreiro ou Santo Antão, oferecida por Deus, com intercessão de Nossa Senhora, após o Irmão Francisco Pires ser unguído com o azeite do santíssimo sacramento

e ter se lavado na fonte da Ajuda, após rezar uma missa na ermida. O caso foi contado pelo agraciado ao padre Pero Rodrigues, que fixou-a na *Vida do padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu* de 1607:

Há uma grave doença, que chamam de cobrelo, que dando na parte direita, com grandes dores vai cingindo uma pessoa pela cinta, com um vergão de um dedo, e em chegando ponta com ponta, não há ordinariamente remédio de vida. Desta doença ia mal tratado o nosso Irmão Francisco Dias, acompanhando no navio de casa ao Padre José, no ano de mil quinhentos e setenta e sete. E chegando à Capitania de Porto Seguro, por não haver ali remédios humanos, determinou de se entregar só à Divina Providência, e aos remédios espirituais. E assim pediu ao Padre José, lhe fosse o dia seguinte dizer uma Missa a Nossa Senhora da Ajuda. Respondeu o padre: "untem-vos primeiro com o azeite do Santíssimo Sacramento, que se não agravará a Mãe de pedirem primeiro socorro ao Filho". E assim se fez, e logo abrandou algum tanto a dor. No dia seguinte foi o padre a Nossa senhora a dizer uma Missa, e dita ela se foi o irmão lavar na fonte de Nossa Senhora, e logo se desfez e desapareceu o cobrelo, e cessou a dor, no que se viu ser esta obra de Deus, feita por intercessão da Virgem gloriosa, intervindo a oração do padre e a fé do irmão, que me referiu a mim este caso no ano de seiscentos e cinco (1609, p. 93-94).

Uma outra versão referente ao início dos trabalhos de fundação da ermida relata um curioso caso de desavença entre os padres e um Senhor de terras que, possuindo água boa para uso em sua fazenda localizada na baixada do monte da igreja, não aceitava de bom grado que os padres fossem ali pegar pegá-la para carregarem até a ermida na intenção de bebê-la e usá-la nas obras. Após rogar o padre Nóbrega, o que possibilitou o levantamento do colégio e igreja, juntamente com seus companheiros, à Nossa Senhora para que estes entraves tivessem fim, recebeu a graça do milagre do nascimento da fonte d’Ajuda, que teria nascido no tronco de uma árvore, junto ao altar, para espanto de todos. Envergonhado, o fazendeiro vendo a bondade de Nossa Senhora, se tornou depois do ocorrido o principal devoto da Companhia, de acordo com Baltasar Teles (1595-1675) na *Chronica da Companhia de Jesu na província de Portugal*, de 1645, em um longo relato desta história no livro:

Entre outras obras de serviço de Deus, que o Padre fez no Brasil, foi a ermida da invocação de Nafta Senhora d’Ajuda, na Capitania de Porto Seguro, que agora é a casa de maior concurso, e devoção, que há por aquelas partes do Brasil, pelos grandes, e prodigiosos milagres, que a Senhora ali vai obrando, dos quais só contarei este, assim por estar autenticado, como por ser feito em favor deste seu devoto Padre.

Está situada a casa da Virgem nossa Senhora da Ajuda na coroa de um outeiro; e descendo dele pera baixo, tudo eram canaviais de açúcar, e terras alheias, pelas quais os Padres achavam grade dificuldade de passagem, assim para poderem ir buscar água para a obra da ermida, como para eles beberem: não

havia mais que uma fonte, que estava na raiz do monte, e dificultava-se mais o trabalho, por haverem necessariamente de passar pelos canaviais de um homem, que o levava mal, e se queixava muito, falando pesadamente dos Padres lhe devaçarem, como ele dizia, sua fazenda. O nosso trabalho era grande, e o sentimento dos moradores era maior, por verem, que aqueles servos do Senhor, não só tinham o trabalho de subir a costa do monte carregados, mas também o desgosto, pelo que tomava aquele homem: nesta desconolação recorreram à Virgem d'Ajuda, pedindo-lhe que os ajudasse, pois a causa era sua, lembrando-lhe semelhante favor, que por intercessão de S. Clemente fizera Deus aos cristãos de Cherfonesso.

Logo um dos companheiros do P. Manoel de Nobrega, vendo o tronco de uma árvore ali defronte, muito junto à ermida, bradando ao céu com grandes lágrimas, dizia: *Ó se a Virgem Mãe de Deus aqui nos desse uma fonte de água perene, não molestáramos a este homem, cuja molesta mais nos cansa, que o trabalho de trazer a água de tão longe. Tende confiança, irmão* (Ihe respondeu o Padre Manoel de Nobrega) *que poderosa é a Senhora para fazer maiores milagres. Vão-se dali todos, seguindo ao mesmo Padre com muita fé, a dizer missa na capela, que iam fazendo da Senhora d'Ajuda; eis que estando um deles no meio do divino sacrifício (coisa maravilhosa, como se naquele instante batesse Moisés com a vara na pedra do deserto quando Deus lhe mandou, lhe falasse para dar água) arrebatada de súbito um grande torno de água no lugar assinalado, no tronco da árvore, junto do altar da Senhora, com espanto, e admiração de muitos, ocorreram a ver esta água verdadeiramente milagrosa: entre os quais também acudiu aquele homem senhor do canavial envergonhado já de sua pouca piedade com os Padres, ficado dali por diante o maior devoto da Companhia, que houve naquela terra: sendo em tudo esta água mais milagrosa, que a de Moises; pois aquela foi água de contradição, como lhe chama a Escritura, e esta foi água de paz, e de concórdia; aquela repartiu Deus a rebeldes, e incrédulos, esta deu a seus fiéis, e devotos; aquela por intercessão de Moises, esta por via da Virgem santíssima, obrigada das lagrimas do P. Nobrega, e de seus companheiros.*

Voou a fama deste prodígio, concorreu infinita gente: a ver com seus olhos tão grande maravilha, não cestando de dar infinitas graças à Virgem Senhora d'Ajuda, e crescendo cada dia na opinião, que tinham da virtude do Padre Manoel de Nobrega, a cuja intercessão atribuíam benefício tão singular, e obra tão prodigiosa; e como os milagres da Senhora começaram com água tão abundante, que ainda hoje corre, mostrou a Virgem gloriosa a grade abundância de milagres, que haviam de sair daquela sua casa, como de fonte de graças, e favores do céu, os quais, em grande parte se devem a este grande fervo do Senhor (1645, p. 467-469).

Após cerca de mais de cem anos de sua fundação, a igreja e a Fonte da Senhora ganharam um outro patamar de fama, os primeiros padres jesuítas ligados à ela estavam mortos, mas permaneceu sólida, fervorosa e viva a memória das histórias milagrosas da água irrompida debaixo do altar da Ajuda nas gerações seguintes. O inaciano Simão de Vasconcelos (1597-1671), que publicou mais de cem anos após a fundação da ermida, foi um dos autores ao lado de Cardim, que dedicou, em sua *Magnum opus Crônicas da Companhia de Jesu no Brazil* publicada no ano de 1663, a maior quantidade de linhas referentes à igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, de Porto Seguro. Em suma, inicialmente, diz Vasconcelos que a comunidade local ainda mantinha as memórias de “louvável

virtude” do padre Francisco Pires, um dos cuidadores iniciais da igreja, localizada de acordo com o autor, um terço de légua da vila de Santo Amaro, distância mais curta anunciada entre os autores até aqui, indicando possivelmente referências pouco precisas ou um possível aumento demográfico considerável e conseqüentemente territorial de Santo Amaro, algo muito menos provável que a primeira opção. Depois disso, há uma detalhada descrição do momento de fundação da casa e igreja dos jesuítas de Porto Seguro e da falta d’água para os trabalhos da ermida e para o consumo, as desavenças com o fazendeiro por conta da água, o milagre da fonte, o arrependimento do Senhor, enfim, uma narrativa claramente baseada nos escritos de Baltasar Teles supracitada, parecendo agregar várias versões do momento do nascimento da fonte, tanto as que dizem que a fonte brotou debaixo do altar de Nossa Senhora, quanto a vertente que afirmam que ela brotou em uma árvore próximo à ermida, do lado de fora, redigindo o autor das *Chrônicas* [...] que do altar ouviram o momento do seu nascimento, o borbulhão, e posteriormente viram brotando a fonte embaixo da árvore, ladeada à igreja:

Em Porto seguro vivia por este tempo o Padre Francisco Pires, Superior daquela Residência, com fama de louvável virtude, e zelo, cujas memórias ainda andam frescas nos corações daqueles moradores. Este servo de Deus foi aquele, que com seus suores, e de alguns companheiros que consigo tinha, edificou ali a Capela tão afamada de Nossa Senhora da Ajuda, um terço de légua donde hoje se vê a vila, santuário o mais respeitado e frequentado de todo o Brasil. N'esta Capela foi o Senhor servido vincular um prodígio de maravilhas: e o princípio d'elas foi o sucesso admirável seguinte. Iam aqueles servos de Deus obrando a fábrica da Ermida no alto de um monte, e ficava-lhes a água, assim para a obra, como para beber, muito longe: haviam de descer a busca-la ao baixo do vale, e entrar de força pelas terras de um morador: levava-o este gravemente, dizendo, que era devassar-lhe sua fazenda; largava queixas contra os Padres, e conta suas obras. Dobravam-lhe estas o trabalho, e sentiam mais a paixão do bom homem, que o cansaço de trazer às costas a água.

No meio deste sentimento, é tradição desde aqueles tempos, que entravam os Religiosos em apertados requerimentos com a Virgem. “Oh Senhora” (diziam) “se agora nos concedereis aqui uma fonte, ficaríamos nós aliviados, aquele homem sossegado, e vossa obra iria por diante!”. “Eis irmãos” (acrescentou o Padre Nóbrega, que então se achava presente) “sabei ter fé; porque com esta nenhuma coisa é dificultosa: vamos à dizer missa”. Coisa maravilhosa! Eis que no meio do sacrifício (que já se fazia na Capela, posto que imperfeita) ouviu soar um borbulhão de água, que brotando debaixo do altar, foi sair por meatos da terra fora da Ermida perto dela ao pé de uma árvore. Ficaram admirados vendo posto em obra o segundo milagre de S. Clemente, ou de um Moisés no deserto. Concorreu a ver a fonte milagrosa o recôncavo todo, e entre estes o senhor da fazenda, envergonhado de quão mais liberal se lhes mostrara a Senhora aos Religiosos, e com água mais doce, e clara, sendo a sua da lagoa, e mui somenos: e com esta como repreensão do Céu, ficou trocado para com

os Padres, e por toda a vida devoto especial da Companhia (1663, p. Liv. II, p. 149-150).

Em seguida, Simão de Vasconcelos destaca a fama da ermida, comparando-a com as de Nazareth e Loreto, além de repetir a estrutura narrativa e citar a fama de milagrosa das águas da fonte da Ajuda. Doravante, faz menção aos romeiros que ouviam o ruído da água, além de citar outros autores que se debruçaram em relatar sobre as histórias da ermida de Nossa Senhora da Ajuda de Porto Seguro, como o inaciano José de Anchieta, Orlandino (?-?) e Baltasar Teles (1595-1675). E finaliza Vasconcelos as quase duas páginas das *Crônicas [...]* dedicadas às histórias do santuário, relatando algo novo até aqui, o enterro daquela imagem de Nossa Senhora que havia na ermida na época do cerco dos gentios em 1555, consagrando a terra daquele lugar, tal como já era sua água milagrosa:

Divulgou-se a fama desta maravilha por todo o Estado do Brasil, e concorreram d'ai em diante a estas águas milagrosas, e santa Ermida da Senhora (qual a de Nazareth, ou Loreto) os povos todos, como a oficina de milagres, que experimentavam a cada passo, e experimentam ainda hoje os que com fé visitam aquele santuário; e folgavam de ouvir os romeiros do mesmo altar o ruído da água, que corre por debaixo da terra até sair a fonte. Seria cousa muito comprida querer tratar aqui por menor de todas estas maravilhas: poderão bem sair com elas os moradores d'aquelas partes, e fariam um grande volume, em maior honra, e gloria da Senhora. Deste prodigioso santuário escreve o Padre Joseph de Anchieta: e já d'aquela seu tempo antigo reconhecia grandes milagres. Porei suas palavras, como de testemunha tão fidedigna, e porque recopila o que dissemos: são as seguintes. “O Padre Francisco Pires foi Superior de muitas Residências, e assistindo na de Porto seguro, na Ermida de Nossa Senhora, que é da Companhia, e por sua ordem, e de seus companheiros se obrou, lhe fez a Senhora mercê de abrir milagrosamente aquela fonte tão afamada por toda a costa do Brasil, em que se fizera, e fazem muitos milagres, saram muitos de diversas enfermidades, aonde vão em romaria em busca de saúde, e a acham: e outros para o mesmo efeito mandão por água dela”. Até aqui Anchieta; que mostra bem a fama das maravilhas d'aqueles tempos. Escreveu também d'este milagre Orlandino liv. XI, n.º 76: e o Padre Balthasar Telles na primeira parte das Crônicas de Portugal liv. III, cap. 8. Debaixo d'aquela altar se experimentaram por outra via dobradas maravilhas, e mercês da Senhora; porque sendo enterrada n'este mesmo lugar uma Imagem sua na ocasião em que o gentio selvagem assolou a vila, ficou aquela terra consagrada, e segundo santuário de maravilhas para os que a levam por relíquias, e usam d'ela em suas necessidades; que quis a Virgem conspirassem aqui em seus favores estes dois elementos, terra e água (1663, p. Liv. II, p. 150-151).

No ano de 1722 o frei Agostinho de Santa Maria (1642-1728) publicou o *Santuário Mariano*, relatando diversas histórias milagrosas operadas por Nossa Senhora e é claro que a igreja mais conhecida do Brasil na época e sua fonte milagrosa não poderiam ser esquecidas. A quantidade de linhas dedicadas às histórias d'Ajuda é

volumosa, entretanto, a maior parte é uma cópia exata de quase a totalidade do trecho supracitado de Simão de Vasconcelos nas *Crônicas [...]*, de 1663 (MARIA, 1722, p. 256-257). As partes que não foram transcritas, uma anteriormente e a outra posteriormente à parte copiada, correspondem respectivamente ao momento anterior à edificação da igreja:

Desejavam os moradores de Porto Seguro religiosos da Companhia, para que fundassem naquela terra uma residência ou colégio; e o Padre Provincial Manoel da Nobrega lhes concedeu dois padres muito virtuosos, que foram Ambrósio Pires e Gregório serrão, o que foi pelos anos de 1554 ou 55. Estes padres com seu grande zelo fizeram ali grandes serviços a nosso Senhor: Depois pelos anos de 1559. Sendo Superior o Padre Francisco Pires naquela residência com fama de louvável virtude e tanto zelo da salvação das almas (1722, p. 256).

A segunda enaltece Nóbrega por ter possibilitado a fundação da Ajuda, além de apresentar algumas poucas e sucintas descrições das características dos primórdios de sua construção, como os materiais utilizados e uma referência à imagem de Nossa Senhora da Ajuda, exposta, como se sabe, no santuário:

A esta Ermida da Senhora deu princípio o venerável Padre Manoel da Nobrega, e pela especial devoção que tinha à Nossa Senhora, a quem sempre pedia a sua ajuda e fervor naqueles ministérios em que andava todos do serviço de Deus, quis que o título da Senhora fosse o da Ajuda e nela colocou uma imagem sua. Esta Ermida se começou de paus e de ramos; e era coberta de folhas de palma, como são ordinariamente muitas casas do Sertão da América. E logo que o padre Nobrega colocou no altar a Senhora da Ajuda começou ela a obrar infinitos milagres e maravilhas que ainda até o presente continuam (1722, p. 257-258).

Oito anos depois, o advogado, poeta e historiador baiano Sebastião da Rocha Pita (1660-1738) também reservaria um espaço à ajuda e à fonte da Senhora em um curto seguimento de humildes onze linhas na *História da América Portuguesa (1500-1724)*, a principal obra deste autor da Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-1725), publicada no ano de 1730. No excerto, de viés histórico, o autor não foge das informações apresentadas até aqui, apenas parece destacar em certo momento da narrativa o fato de uma fonte ter nascido do alto de um penhasco e de forma inopinada, e oferece um número curioso de 1500 habitantes em Santo Amaro, vila em que estava localizada a ermida d'Ajuda, número que, além de muito possivelmente impreciso, era bem inferior em meados do século XVI:

Duas léguas distante da vila – de Porto Seguro - está a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, celebre pelo milagre de uma copiosa fonte, que das entranhas de um penhasco, inopinada e repentinamente brotara na ocasião em que se fabricava a igreja, e carecia a obra de água para se continuar, ficando perene e correndo por debaixo do altar da sua capela mor, cujo ruído, despertador do milagre, ouvem todos os circunstantes, que a ela vão a cumprir os seus votos: em ambas as Vilas há mil e quinhentos vizinhos (1730, p. 133).

Pouco mais de duzentos anos de sua fundação a ermida da Ajuda já era muito famosa entre aqueles que conheciam as tradicionais histórias de seus milagres, todavia, em meados dos séculos das luzes, um período marcadamente de contestação ao viés religioso de interpretação do mundo, as lembranças da fonte d’Ajuda como *Local de milagres* já não eram mais tão hodiernas na memória daqueles coevos como antes, ainda mais depois da expulsão dos jesuítas do Brasil em 1549 por ordem de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), que historicamente sempre havia cuidado da igreja (PAIM, 1988, p. 9-10). No *Novo orbe seráfico brasílico* escrito pelo Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779) no ano de 1761, o franciscano retratou, como de costume, a localização da ermida, a capacidade milagrosa da fonte e a história do momento em que ela brotou, no decorrer da missa que estava sendo ministrada por Francisco Pires, de acordo com o autor, algo novo até aqui. Todavia, em certa altura da narrativa Jaboatão dá a entender que a igreja já não era mais tão buscada pelos fiéis que rogavam por milagres e benefícios de Nossa Senhora, marcando, portanto, uma descontinuidade da história da igreja e da fonte: ali já não era mais tão reconhecidamente um *Local de milagres* como outrora:

Também edificou o mesmo Donatário – Pedro de Campos Tourinho - a Villa de Santo Amaro, uma légua distante da de Porto Seguro, à parte do Sul. Junto a esta, em um Pico muito alto, está colocada a devota Capela de N. Senhora da Ajuda, que naqueles tempos foi muito buscada pelos milagres e benefícios, que da proteção piedosa desta Senhora participavam os seus devotos. Foi o primeiro prodígio da sua piedade a milagrosa fonte, que começando a brotar repentinamente debaixo do seu altar, com sonoro, e brando sussurro, ao tempo, que celebrava nele o tremendo sacrifício da Missa o P. Francisco Pires, Superior da Residência de Porto Seguro, que fundou a dita Capela, foi brotar aquela corrente em um formoso olho de água, fora do frontispício da Igrejinha, ao pé de uma frondosa árvore, com a qual ficou remediada a necessidade, que havia dela para a obra da Igreja, e serviço dos Padres, e foi isto pelos anos de 1559⁵ (1761, p. 81).

⁵ Esta data oferecida pelo frei Jaboatão, como pode ser observada após a leitura das fontes referenciadas neste estudo que datam anteriormente à 1559, está equivocada.

Por razões de espaço, mas também umas por não terem sido encontradas e outras por serem demasiada repetitivas - principalmente as de viés histórico -, algumas fontes não foram encaixadas neste trabalho.⁶ Ademais, independente de qual foi o relato mais preciso sobre a Ajuda e a Fonte da Senhora, é certo que, além de primeira casa dos inacianos e igreja de Porto Seguro, foi, muito antes de se tornar *Local de turismo* como hoje em dia é reconhecido, o primeiro *Local de milagres* do Brasil, socialmente reconhecido como destino àqueles que almejavam ser curados de mordeduras de cobra, câmaras de sangue, quebraduras (LEITE, 1938, p. 206⁷), cobreiro, entre outros malefícios que atormentavam os colonos que viam a fonte d'Ajuda o único meio de cura, compondo parte de uma história das razões do deslocamento humano no Brasil. Nossa Montserrat, Mazareth ou Loreto, homenagem à nossa Guadalupe, ainda continua de pé até os dias atuais recebendo romarias, mas principalmente visitas, não mais tanto de doentes que almejavam curas milagrosas pela fonte, mas sobretudo de simples curiosos, um processo de *Ressignificação social do lugar*.⁸

Bibliografia

Corpus documental:

ANCHIETA, José de. Informações do Brasil e de suas Capitâneas. In: **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)** - Notas de A. de Alcântara Machado - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

CARDIM, Fernão. Tratados da terra e gente do Brasil. 2ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife- Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

⁶ ANCHIETA, José de. Informações do Brasil e de suas Capitâneas. In: **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)** - Notas de A. de Alcântara Machado - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933, p. 489; SOARES, Francisco. **Coisas notáveis do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966; SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. 1627, p. 27. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000138.pdf>>. Último acesso em março de 2019; VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu** [...]. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1672, p. 247-248.

⁷ Nota nº 4.

⁸ A igreja e a fonte estão localizadas atualmente no Arraial d'Ajuda em Porto Seguro, Bahia, no CEP 45816-000. Telefone: (73) 3575-1268.

Carta do Irmão António Brazquez aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. II, p. 250-260.

Carta de um Irmão do Brasil aos irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. I, p. 425-433.

Carta do Irmão Vicente Rodrigues por comissão do governador do Brasil Tomé de Souza ao padre Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. I, p. 315-321.

Carta do Padre Ambrósio Pires aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. II, p. 49-54.

Carta do Padre António Pires aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. I, p. 250-264.

JABOATÃO, António de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico [...]**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858, 2 Vols.

MARIA, Agostinho de Santa. **Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nonno e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1722.

NAVARRO, Azpilcueta *et al.* **Cartas avulsas: 1550-1568**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...]**. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730.

RODRIGUES, Pero. **Vida do Padre José de Anchieta**. Disponível em: <https://docgo.net/document/doDownload/link_rand/3MqFsVc6E6rkfmkHGnidvecb39WQPBEJdVfwGhsbeKlkWwSsK1w66y7ZyTFelaOoWTKs1>, 1609. Último acesso em março de 2019.

SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. 1627, p. 27. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000138.pdf>>. Último acesso em março de 2019.

SOARES, Francisco. **Coisas notáveis do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesu na província de Portugal [...]**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1645.

VASCONCELLOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil [...]**. 2ª Ed., Vol. I, Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira Impressor delRey N. S, Livro II, 1663.

_____. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Palmira Morais Rocha de. **Dicionário de autores no Brasil colonial**. – 2ª ed. – Lisboa: Edições Colibri, 2010.

AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Vol. I, 1938.

PAIM, Antonio. **História do liberalismo brasileiro**. São Paulo: editora Mandarin, 1998.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019